
O DISCURSO NEOPENTECOSTAL: UMA ANÁLISE DE VIOLAÇÕES DE DIREITOS HUMANOS A PARTIR DO PROGRAMA VITÓRIA EM CRISTO, DE SILAS MALAFAIA ¹

Rayane MARINHO ²

Luiz Carlos PINTO ³

Universidade Católica de Pernambuco, PE

RESUMO

O presente artigo é fruto do trabalho de conclusão de curso, nele encontraremos uma análise das violações de Direitos Humanos, a partir do recorte de Identidade de Gênero, Orientação Sexual e Intolerância Religiosa, no programa televisivo Vitória em Cristo, do pastor Silas Malafaia. A partir do estudo da Análise do Conteúdo Clássica, abordada por BAUER, M. W.; GASKELL, G (2002). Também utiliza da percepção teórica de MARTINO, Sá (2016), que ajuda a elucidar a conexão da mídia, religião e sociedade. Como parâmetro para diagnosticar os casos de violações de Direitos Humanos utiliza como base a Declaração Universal de Direitos Humanos (2009).

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; religião; direitos humanos; intolerância; mídia

INTRODUÇÃO

Esse artigo irá apresentar uma Análise do Conteúdo no discurso midiático neopentecostal do programa televisivo Vitória em Cristo, no qual o Pastor Silas Malafaia conduz os cultos.

O objetivo principal deste trabalho é analisar o posicionamento do líder religioso em relação as questões de intolerância religiosa e exclusão social à identidade de gênero e às políticas públicas que garantem direitos nessas áreas.

O programa, que anteriormente era chamado de Impacto, está há quase 35 anos ininterruptos no ar e é transmitido em várias cidades do Brasil, através da Rede Bandeirantes. Todo o conteúdo está disponibilizado no site vitoriaemcristo.org. Além da

¹ Trabalho apresentado na DT 8 –Estudos Interdisciplinares da comunicação do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 5 a 7 de julho de 2018.

² Graduada do Curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco, e-mail: rayemarinho@gmail.com

³ Orientador do artigo, Doutor em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco. Professor de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco, e-mail: lula.pinto@gmail.com

transmissão nacional, a mensagem do pastor é dublada para o inglês e passa em mais de 200 países (AVEC).

Do ponto de vista metodológico, separamos os programas para serem analisados por dois vieses: análise dos programas com conteúdo referente a identidade de gênero e orientação sexual e programas com indícios de intolerância religiosa.

A análise se deteve sobre a programação de dezembro de 2015 até o mês de setembro de 2017. Nesse período, o Brasil estava sofrendo um abalo na democracia.

A escolha deste período é um marco na história do país, pois as comissões e concelhos de Direitos Humanos, criados durante os Governos do PT (2003 a 2016) sofreram ataques diretos, após a saída da ex presidente Dilma Rousseff. Um exemplo disto foi a medida que o presidente da República, Michel Temer, tomou, no processo de desmonte das ações estabelecidas no governo passado, a proibição de qualquer reunião de colegiado nacional na área de Direitos Humanos durante 90 dias (JORNAL BRASIL 247). Além disso, Temer cortou os recursos das políticas de proteção a vítimas, testemunhas e de defensores de Direitos Humanos, ameaçados de morte em vários Estados do país.

Voltando à seleção dos programas, de importância no âmbito televisivo, foi observado, que os cultos televisionados da igreja Vitória em Cristo são pautados pela agenda política, ou seja, em alguns casos, são trazidos assuntos públicos que reverberam no campo do político, como aprovações ou não de projetos de leis, para dentro dos assuntos da igreja.

A visibilidade pública obtida por alguns agentes do campo religioso articulados com o processo de mediação vem se tornando um fator importante para a compreensão das linhas de forças presentes na democracia. O campo religioso, por conta do seu potencial capital político decorrente de sua visibilidade pública, vem mostrando continuamente sua importância como protagonista na arena pública (MATINO, Sá, 2016 p.62)

Para analisar estes programas fizemos uso da análise do Conteúdo Clássica, na perspectiva de BAUER, M. W.; GASKELL, G (2002) e como base teórica para contextualizar a conexão entre mídia, religião e sociedade, o teórico MARTINO, Sá (2016). Quanto ao diagnóstico das violações, foi tomado como parâmetro para categorizar os casos a Declaração de Direitos Humanos (2009).

CONTEXTOS POLÍTICO NO BRASIL E O RECORTE DOS TEMAS

O modelo da análise utilizado foi de conteúdo em sua vertente clássica. Dividida por etapas; a primeira consistiu em separar 17 edições do programa Vitória em Cristo, dentre as 56 edições do ano de 2016 e uma edição das 51 veiculadas até o mês de novembro de 2017. Os programas escolhidos tratam de questões de gênero e de episódios da política representativa - em particular o Impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff e o período que antecedeu o segundo turno para prefeito do Rio de Janeiro (junho a setembro/2016).

Também analisamos o Projeto de Lei 1859/2015, e acompanhamos seus trâmites jurídicos a partir de 2016. Nesse ano, no período de análise das edições, o pastor, de forma indireta, tratou do conteúdo do Projeto em seu programa. Como na edição de 29/04/2017, televisionada no mesmo período que o PL foi divulgado pelo Ministério da Educação (MEC), através de um documento enviado pelo próprio autor do Projeto.

Na quarta e última etapa, são apresentadas interpretações e análises dos conteúdos até então recolhidos.

Considerando os pressupostos da Análise de Conteúdo, entendemos que a validade da interpretação não sobrepõe fidedignidade do texto recortado das edições, mas auxilia a construir e refletir sobre os conteúdos estudados. Abaixo todos esses processos estão detalhados.

Datas de exibição, de acordo com o site vitoriaemcristo.org: as edições analisadas foram as seguintes: Onde é que nós estamos errando? (parte 1, 2 e 3), 04/06/2016 - 18/06/2016 - 25/06/2016; Ato profético em favor do Brasil, 11/06/2016; Deus nos ensinando na trajetória da nossa vida (parte 1, 2 e 3), 02/07/2016- 09/07/2016 - 16/07/2016; Verdades que você precisa saber - (parte 1 e 2), 23/07/2016 - 06/08/2016; Ideologia de Gênero é Crime, 30/07/2016; O cristão e a política (parte 1 e 2), 07/08/2016- 10/09/2016; A Ação de Deus na Trajetória da Nossa Vida (parte 1 e 2), 13/08/2016 - 20/08/2016; O que fazer quando não existem mais saídas? (parte 1 e 2), 27/08/2016 - 03/09/2016; Felicidade ou Sofrimento Qual a sua escolha?, 24/09/2016; Aborto, Homossexualismo, Ideologia de Gênero, 29/04/2017.

No período de análise, de junho a setembro de 2016, notou-se que alguns Projetos de Leis que estavam parados desde 2015 foram retomados. O Projeto de lei 1859/2015 foi objeto das edições “Ideologia de Gênero é Crime” e “Aborto, Homossexualismo, Ideologia de Gênero”).

O Projeto “inclui entre os princípios do ensino, o respeito às convicções do aluno, de seus pais ou responsáveis, dando precedência aos valores de ordem familiar sobre a educação escolar nos aspectos relacionados à educação moral, sexual e religiosa” (Câmara os Deputados, 2015).

O objetivo do Projeto era vetar a adoção, na matriz curricular escolar, de disciplinas facultativas ou obrigatórias que usem o termo ‘gênero’ ou ‘orientação sexual nas Escolas Municipais.

O Projeto 1859/2015 é de autoria do pastor batista Alan Rick (PRB-AC) e por ser de 2015, deve passar por comissões da Casa Civil, para depois ir ao plenário, onde deve ocorrer a votação oficial.

Observando esses trâmites, acrescentamos a retomada do assunto sobre gênero, no programa de Silas Malafaia no ano de 2017 com o tema “Aborto, Homossexualismo, Ideologia de Gênero”.

O programa exibido no mês de abril de 2017 traz novamente as discussões de gênero, e por coincidência, no mesmo mês em que o “MEC (Ministério da Educação) divulga documento que subtrai as expressões “identidade de gênero” e “orientação sexual” da base nacional curricular” (FOLHA DE SÃO PAULO, 07/04/2017).

Esse documento é entregue ao presidente Michel Temer, através dos deputados da Frente Parlamentar Evangélica no Palácio do Planalto. Entre os deputados, o pastor Alan Rick, autor do Projeto e Lei 1859/2015, que dá o seguinte depoimento para Folha de São Paulo,

Alan Rick diz se sentir vitorioso com o "apagão" ideológico. "Defendo os princípios que a sociedade me cobra. Os pais não querem ver seus filhos doutrinados. Falam pra mim: 'Deputado, meu filho vai à escola para aprender matemática, português, não para ser ensinado que ele pode ter vários gêneros'. Falam que existe mais de cem gêneros. Isso é uma loucura!" (FOLHA DE SÃO PAULO, Educação, 07/04/2017)

Observando que temas políticos foram pautados no mesmo período, nota-se no programa Vitória em Cristo a função de informar os fiéis sobre o que estava acontecendo tanto em 2016, como no início de 2017.

Continuando a analisar o contexto em que o Brasil estava durante o recorte dos programas, no ano de 2016, no período que antecedeu o segundo turno, de junho a setembro, ocorreram as eleições municipais, onde disputam vereadores e prefeitos.

Entre as cidades que foram ao segundo turno para escolher seus representantes municipais, estava o Rio de Janeiro, local em que o Pastor Silas Malafaia vota, além de expressar fortemente suas preferências políticas pelos candidatos evangélicos.

Nesse contexto, o candidato no Rio era o Marcelo Crivella, sobrinho do bispo Edir Macedo, fundador da Igreja Universal do Reino de Deus. Crivella obteve 59% dos votos, em uma disputa acirrada com o Marcelo Freixo, candidato pelo PSOL.

Na edição *O Cristão e a Política*, exibido no dia 17 de setembro de 2016, um mês antes do segundo turno, o Pastor explica como funciona o sistema democrático brasileiro e pede que os fiéis orem e obtenham iluminação divina para votar nos candidatos certos, pois existem vereadores que nem as pessoas da própria família votam, e esses vereadores fazem com que o prefeito seja eleito. Sem citar nomes, o pastor faz referência a Freixo quando fala, em tom de ironia, que os “esquerdopatas” (termo usado por Silas Malafaia) querem acabar com a família. Nesse momento fica claro que Malafaia é contra políticos com inclinação à esquerda, e logo, o ex-inimigo desde 2010, Crivella, se converte em aliado.

Nos programas analisados, a partir do momento político estudado, Silas Malafaia utiliza a expressão “esquerdopatas”, associando assim um campo específico do espectro político à condição de fanático e doentio. Ou seja, uma palavra pejorativa de se referir à esquerda partidária. E aponta que determinados partidos acabam colocando “ideologias comunistas” na mente dos cidadãos. Da mesma maneira, afirma que as escolas estão todas dominadas por “pedagogos de meia tigela” e usa o termo “petralhas” para ilustrar em quem votam os pedagogos. Esses discursos incisivos arrancam aplausos da platéia do programa.

Muito comum, também, os trechos em que o pastor se auto intitula um mensageiro de Jesus Cristo para não deixar a economia do Brasil afundar. Na verdade, com esses argumentos, Malafaia guia seu público para determinados candidatos que defendem os princípios de sua igreja, formando no espaço midiático um local de deliberação (desigual) com os fiéis.

Antes de demonstrar sua posição diante dos assuntos, no próprio programa *O Cristão e a Política*, Silas comunica: *“Eu estou falando à luz da Bíblia e da história, porque nós não vamos ser enganados por “esquerdopatas”, por gente que tem ideologias, totalmente opostas às nossas crenças e valores, você não pode cair no jogo desses caras, você tem que entender o que está por trás, saber se posicionar”*.

Esse estreito caminho de política e religião faz jus ao que Sá Martino afirma no livro *Mídia, Religião e Sociedade*: “a presença da religião na política parece ter sido igualmente acentuada no período de democratização, sendo a religião um fator de peso na constituição dos debates públicos”, (MARTINO, 2016, p.27).

O segundo momento de análise, e não menos importante, aborda parte do período de 2016, especificamente o Impeachment da Ex-presidenta Dilma (meses de junho a setembro de 2016). Antes da saída da presidenta, Silas Malafaia, que já é conhecido por ser um dos organizadores da “Marcha para Jesus”, no Rio de Janeiro, faz uma edição do programa com nome *Ato político em favor do Brasil*, na frente do Palácio do Planalto, juntamente com outros pastores. Nessa edição, são verificados ataques ao Partido dos Trabalhadores. Também percebemos nas falas menções a passagens do Apocalipse, dizendo que o país precisa de homens santos, se referindo aos pastores, que aparecem unidos logo ao fundo do palco orando de mãos dadas. O pastor Silas ainda discorre sobre as mentiras dos políticos atuais.

Em um dos discursos do pastor, dessa mesma edição, ele se refere ao PT como partido de esquerda, e incisivamente afirma: *“Essa cambada de bandido, de corrupto, vai parar na cadeia, a gente está aqui para declarar que o Brasil não vai ter caos social não, o Brasil “esquerdopata” não vai incendiar o Brasil não”*.

Os trâmites de aprovação de algumas leis (o caso do Projeto 1859/2015, já mencionado), assim como alguns processos políticos (o próprio Impeachment da presidenta Dilma e a retirada de circulação do programa Escola Sem Homofobia) são interessantes para compreender o contexto no qual a bancada evangélica aufere mais poder. O programa Escola Sem Homofobia ficou mais conhecido pelo termo “Kit Gay”, ainda em 2010.

Antes de começar o governo, já se anunciava uma questão que ainda nos primeiros mandatos encontraria o seu ápice: a produção de um conjunto de materiais educativos destinados à tematização e à prevenção ao bullying homofóbico nas escolas. (VITAL, Christina; LOPES, Paulo, p. 109, 2013)

O material educativo era composto por um caderno de orientação para o educador, o “Caderno Escola Sem Homofobia”; uma série de seis boletins elaborados com uma linguagem juvenil, voltado para distribuição entre os estudantes, um cartaz de divulgação do Projeto na escola, em que se estimulava que a comunidade escolar procurasse ter mais

informações sobre o Projeto; cartas de apresentação para os gestores e educadores, apresentando o Projeto e indicando as melhores formas de trabalhá-lo; e três vídeos educativos que, acompanhados por suas respectivas guias de discussão, poderia funcionar como estimuladores, pontos iniciais de debate.

Esse conteúdo foi elaborado em 2008, com a autorização de verba captada pela Associação Brasileira de Lésbicas Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais (ABGLT) e os aliados Comissão de Legislação Participativa (CLP) e da Câmara Federal. O objetivo desse grupo com a conclusão e divulgação do material foi “contribuir para desconstrução de imagens estereotipadas sobre lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, e promover como ganho a convivência e o respeito em relação ao diferente”, (VITAL & LOPES, 2013).

Em contrapartida, o Deputado Jair Bolsonaro (PSC) procurou o programa de auditório Superpop, exibido no dia 10 de dezembro de 2010, apresentado por Luciana Gimenez, assim como rádios comunitárias e difusores de informações para expor argumentos contra o programa Escola Sem Homofobia. A primeira reação formal elaborada por um representante público só chegou a ser registrada oficialmente no dia 28 de março de 2011, com o pronunciamento do deputado João Campos (PSDB-GO), descrito a seguir:

O Governo brasileiro, não só o do então Presidente Lula, mas o da Presidenta Dilma, que assumiu um compromisso com os religiosos do País, não apenas com os evangélicos, de que não tomaria nenhuma iniciativa dessa natureza, agora, como uma espécie de fraude, diz que esse material tem um papel pedagógico de orientar os professores e alunos para prevenir homofobia, tem uma outra finalidade na verdade, que é estabelecer tipo de orientação. Não podemos admitir.

Quando o enunciado diz “governo brasileiro”, ele está intitulado o agente. Ora, se o governo brasileiro é o poder Executivo e este tem como mandatário um presidente, logo, a Presidenta Dilma teria assumido um compromisso com os religiosos (BAKHTIN, 1988).

O restante do processo entre vetar o programa e aprová-lo, só vem no dia 26 de maio de 2011, quando a bancada dos religiosos pressiona para Dilma suspender a produção do “Kit anti-homofobia” e ela, questionada pelos jornalistas do jornal O Globo, revela que o Governo defende a educação contra as práticas homofóbicas. No entanto, ela também não é incisiva na defesa do Kit, em sintonia, aliás, com um percurso em que não

se coloca sistematicamente contra práticas homofóbicas. E completa “*Não haverá autorização para esse tipo de política, de defesa e A, B, C ou D. Agora, nós lutamos contra a homofobia*” (Jornal O GLOBO, 2011). Dilma mantém a identidade da mulher que luta por diversidade, mas não deixa de ceder ao pedido da bancada.

Em entrevista para Revista Piauí, Fernando Haddad fala sobre o assunto: “*A história toda, a começar pela expressão preconceituosa, é um exemplo de como uma informação falsa pode ser criada (e deliberadamente mantida) com intenções políticas nefastas – e consequências sociais que reverberam até hoje*” (MARSIGLI, Ivan. Revista Piauí. ed.129).

A realidade é que todo programa ‘Escola Sem Homofobia’ estava sendo produzido pelo Ministério da Educação e o próprio Ministério deveria cuidar para que as informações fossem divulgadas a partir do que já estava previsto de conteúdo. Ao invés de ocorrer dessa forma, o ex-deputado federal Anthony Garotinho (PR-RJ), que é radialista e entende como funciona a comunicação, distribuiu o material antes mesmo do Ministério. Em entrevista para o livro *Religião e Política* (2013), Cláudio Nascimento, superintendente dos Direitos Individuais, Coletivos e Difusos da Secretaria Estadual de Assistência Social e Direitos Humanos/RJ, comentou:

...Uma distorção do material, e aí cada hora ele (Garotinho) botava uma versão: que o material era pornográfico, que tinha sexo explícito, tinha sei o quê; aí uma hora ele usava um folder lá, de São Paulo, que era sobre redução de danos, para infecção da HIV/Aids, tá, tá, tá, que não tinha nada a ver, não era material para ser distribuído na escola, e, na prática, não ia nem ser distribuído para os alunos, era para ser distribuído pros professores, e mesmo assim, ainda era pro Ensino Médio...(VITAL, Christina; LOPES, Paulo, 2013).

Além do depoimento do Claudio Nascimento, Haddad comenta sobre o caso na entrevista para revista Piauí,

O deputado Anthony Garotinho (PR-RJ) exibiu em plenário a campanha do Ministério da Saúde dizendo que eu havia mentido no dia anterior e que as escolas de Campos dos Goytacazes, onde a mulher dele, Rosinha Garotinho, era prefeita, já dispunham de exemplares para distribuir aos estudantes. Aquilo virou um caldeirão. Gilberto Carvalho, então chefe de gabinete da Presidência, me telefonou alarmado. Eu disse: “Gilberto, pare dois segundos para pensar e se acalme. Isso *não* existe. O material para as escolas ainda está na minha mesa, não há chance de ele ter sido distribuído.”

Além do Garotinho, houve a massiva opinião do Bolsonaro e claro, do Programa Vitória em Cristo, que é hoje um dos agentes mais ativos nas discussões políticas no Brasil. Até aqui o que podemos observar do contexto político que se formou no Brasil é que os agentes evangélicos (em particular na linha neo-pentecostal) recorrem à mídia como estratégia de pressão para cada Projeto de Lei que envolva questões de gênero. Essa estratégia vem demonstrando grande poder de influência no resultado final.

ANÁLISE DOS PROGRAMAS COM TEMAS QUE FEREM O DIREITO HUMANO EM RELAÇÃO A IDENTIDADE DE GÊNERO E ORIENTAÇÃO SEXUAL

Antes de analisar os programas, é preciso entender algumas definições, para compreender quais colocações do Pastor infringem aos Direitos Humanos. Abaixo podemos encontrar uma tabela com as definições:

TABELA 1 - TERMINOLOGIAS E DEFINIÇÕES A RESPEITO DE IDENTIDADE DE GÊNERO, ORIENTAÇÃO SEXUAL E EXCLUSÃO SEXUAL

Terminologias	Definições
Identidade de gênero	Como a pessoa se identifica - homem/ mulher/ não binária. -Cisgênero: Gênero que lhe foi dado no nascimento -Transexual/ Transgênero: Gênero diferente daquele que lhe foi dado no nascimento
Orientação sexual	Depende dos gênero pelo qual a pessoa desenvolve atração -Heterossexual - Alguém do gênero oposto -Homossexual- Alguém do mesmo gênero -Bissexual- Ambos os gêneros -Assexuado- não tem atração sexual
Exclusão sexual	É a exclusão determinada pelas diferentes preferências sexuais.

Fonte: Extraído de (NARDI, MACHADO & SILVEIRA, 2015)

É preciso que fique compreensível, que o “gênero independe do sexo, anatômico biológico, e da sexualidade. O gênero é uma construção sócio cultural de práticas cotidianas simbólicas” (NÚCLEO DE DIREITOS HUMANOS PUC - PR)

O que o pastor defende: *“A ideologia de gênero é uma crença, não é uma ciência, na verdade a ideologia de gênero é a ausência de sexo, é um verdadeiro vale tudo, eles aceitam o sexo bestial, ou seja, sexo com animais, ela aceita o incesto, que é a relação de pais com filhos, irmãos com irmãs, e a pedofilia, que é sexo com criança, isso agora é escondido, porque assusta, a verdade é que a ideologia de gênero vai contra ser homem ou mulher, ela vai contra a razão, a experiência e a ciência” (Silas Malafaia, no programa: o que é ideologia de gênero)*

A explicação de Malafaia distorce as possibilidades da sexualidade que estão para além da heteronormatividade. O que o pastor faz é uma confusão, ao explicar o que seria ‘identidade de gênero’. Ele usa o termo para se referir a orientação sexual como uma “doutrinação” sexual. Essa terminologia linguística sugere que a noção de liberdade sexual implica na falta de limites e/ou a extinção das tensões na relação sexual.

Para Malafaia, os saberes sobre a sexualidade são construídos ao longo da história por três pilares: a relação biológica, que tem como fim a reprodução e se divide em outras três partes: dualismo, complementaridade e fecundação; a relação econômica, através dos produtos que já são designados para homens e mulheres; e a linguística, que sob as regras da língua portuguesa imprime aos termos masculinos o caráter de “universal e neutro”.

A partir dessa perspectiva (que alimenta um padrão comunicativo), Malafaia nutre a desinformação e os privilégios das hierarquias sociais, que transformam diferenças em desigualdades. Assim, quando observamos as palavras que reduzem o ser humano ou sua atividade enquanto ser humano, diagnosticamos uma infração aos direitos humanos.

Usando a metodologia da análise do conteúdo, foram considerados três programas, dentre os 18 analisados até aqui, *“Verdade que você precisa saber* transmitido no dia 22/06, *“Ideologia de gênero é Crime”*, exibido no dia 30 o mesmo mês e *“Onde é que estamos errando II (18/06/2016)”*.

ANÁLISE DO CONTEÚDO

A edição *“Verdade que você precisa saber* traz o seguinte conteúdo: *“Querem ensinar homossexualismo para crianças na escola, a criança não sabe diferenciar o que é informativo, o que é uma sugestão e o que é uma ordenação. Esses pedagogos de meia*

tigela querem acabar com o dia das mães, porque tem criança criada por homossexual, por que também não acaba com o natal? Porque tem criança que não ganha presente. Ninguém nasce homossexual, ninguém...”. “Esse lixo moral, não será perpetuado nas escolas”

Na análise do conteúdo, a língua é um campo que nos “permite reconstruir indicadores e cosmovisões, valores, atitudes, opiniões, preconceitos e estereótipos e compará-los entre comunidades”, (BAUER & GASKELL, 2002). O termo *homossexualismo* usado pelo pastor refere-se ainda ao uso do sufixo “ismo”, que remete a doença patológica. A expressão Homossexualidade revela em sua grafia o sufixo *dade*, que de acordo com o Conselho Federal de Psicologia, na Resolução 001/99, significa “modo de ser”. Quanto à análise do termo, identificamos a noção de “anormalidade”, “doença” das pessoas gays, lésbicas, travestis e transexuais. Quando o pastor se refere a população LGBT, ele entoa a voz ferozmente e usa gestos de indignação, seguidos de xingamentos e frequente discriminação, o que fere os direitos humanos por igualdade.

Quanto ao termo *Pedagogos de meia tigela*, o uso pejorativo para descrever um grupo social, que não reflete as mesmas crenças e valores do programa e seu locutor, indica o propósito de diminuir, ou menosprezar o ser/pensamento diferente. Isso resulta no tratamento da pessoa humana como inferior ou ainda parte de um grupo subestimável.

Na continuação desse sermão, do episódio do programa intitulado por *Ideologia de gênero é Crime*, o pastor chega a chamar a iniciativa de educação sobre a pluralidade sexual, de *lixo* que, segundo o dicionário Aurélio, significa coisa imprestável.

Podemos perceber que a expressão incita a intolerância quanto ao convívio com os cidadãos de gênero, percepção ou visão diferente da heteronormatividade defendida pelo pastor.

É ainda no episódio *Ideologia de gênero é Crime*, que o pastor faz um sermão também voltado ao tema da homossexualidade, mas informando aos fiéis que o Irmão dele, o Deputado Estadual Samuel Malafaia, atualmente do partido PDS, elaborou um Projeto de Lei no Estado do Rio de Janeiro que coloca no calendário oficial a comemoração do dia das mães e dos pais.

Dois meses depois do programa *Ideologia de gênero é crime*, o pastor afirma, no programa *O cristão e a política*: “*Eu posso falar dos erros políticos, porque eu não tenho ninguém da minha família que está no meio político, nem meus filhos, nem minhas noras, nem minha mulher, ninguém tem cargo comissionado*”.

Nessa fala, o pastor exclui o parentesco com o irmão. De acordo como dicionário Aurélio, família é: grupo de pessoas com ancestralidade comum/ pessoas que possuem o mesmo sangue/ que moram na mesma casa, ou seja, mesmo que a família – irmão- não habite no mesmo teto, que o pastor, não significa que o irmão dele deixe de ser parte da família.

O pastor omite o envolvimento político, mas de acordo com a própria fala, seu irmão está presente na política e trabalha na perspectiva de ações “cidadãs” pautadas no fundamentalismo religioso que Malafaia segue e reproduz.

Já na edição “*Onde é que estamos errando, parte II*”, exibido no dia 18/06/2016, o pastor afirma “*A ideologia de gênero está engendrada no inferno*”. Nessa frase o pastor “demoniza” o diferente e acaba orientando um olhar violento e excludente no cristão que segue seus ensinamentos.

ANÁLISE DOS PROGRAMAS E INTOLERÂNCIA RELIGIOSA

Artigo XVIII - Todo ser humano tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; este direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pela observância, em público ou em particular (DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS, 2009)

Datas de exibição, de acordo com o site vitoriaemcristo.org: “Inversão de Valores” parte I e II, 23.04.2016 - 30.04.2016; “Renovação Espiritual é fundamental, parte” I e II, 07.05.2016 - 14.05.2016; “Verdades que você precisa saber”, partes I e II, 23/07/2016 – 06/08/2017; “A ação de Deus na trajetória da nossa vida”, 13.08.2016; O Deus que nunca deixou de agir - parte I e II, 29.10.2016 -05.11.2016; Instruindo sábios e ensinando a justos -parte 1 e II, 12.11.2016 - 19.11.2016; Onde nós estamos errando - Parte II, 18/06/2016.

O recorte dos programas foi do período do Impeachment da presidenta Dilma Rousseff, e o período antes e depois das eleições do segundo turno para prefeito do Rio de Janeiro.

Entre os 11 programas assistidos, vamos comentar o programa “*Verdades que você precisa saber (23/06/2016)*”. Recorte da fala do pastor na pregação: “*Não ajude quem foi rejeitado por Deus, você quer ama quem aborrece o Senhor? O juízo vai cair sobre você. Muitas vezes Deus quer tratar uma pessoa e você quer ajudar*”

Nessa fala percebemos a distinção que o pastor faz entre cristãos e “ímpios”, e entre cristãos que não estão seguindo a doutrina como “Deus” e a igreja manda. Quando falamos em ímpios, dizemos sobre as pessoas que não seguem o mesmo Deus que religião dele. Isso ocorre por conta do modo que ele enxerga o contexto social. Os que procuram o Deus pregado pelo evangelismo Neopentecostal estão salvos, “debaixo da graça”, como observamos nas expressões linguísticas do pastor.

A noção de enquadramento mostra que, quando se fala de algo, essa narrativa é sempre é construída a partir de quadros de sentidos utilizados. A decisão a respeito de narrar, o ponto de vista, o que inclui e o que deixa de fora, em resumo, todas as decisões presentes em uma narrativa são orientadas pelos enquadramentos utilizados para narrar” (MARTINO, 2016, p.170)

Nessa perspectiva, notamos que o pastor fala a partir de um ponto de vista exclusivista, “O “nós” é quem é “igual”, com o qual os vínculos são corretos, ao passo que o vínculo com os outro, com “eles”, é um mito de interesse, curiosidade, hostilidade e medo” (MARTINO, 2016)

São identificadas, nas falas do pastor, formas de intolerância religiosa sutis, como a condenação, o desmerecimento e a demonização do diferente, além do “deboche” ao comentar sobre pessoas que não tem a mesma fé que ele. Sempre que o pastor trata, nos programas analisados, do cidadão que aparentemente não está seguindo algum princípio da igreja, esse cidadão é “demonizado”. A mensagem que predomina é que Deus vai severamente castigá-lo, que o irmão que está correto perante a igreja e Deus não deve ajudar - porque o castigo deve ser sentido pelo pecador.

A comunicação do pastor, quando trata de assuntos sobre pecados capitais, traz as características mencionadas por ASSMANN (1986): “O estilo da conversa direta, desinibida, brincalhona, recheada de piadas e risadas do apresentador, uma espécie de ‘malandro’”.

São usadas expressões pesadas, mesmo quando o pastor se defende de ataques pessoais antes de começar o culto. São usadas expressões como: “Quem quiser mexer com crente *vai levar chumbo*”, e logo após diz ser contra a violência, a frase é complementada com a expressão raivosa e tom de voz alto: “O cristão que é intolerante, quebra terreiro, mata candomblecista, umbandista e espírita merece a cadeia, merece mofar na prisão e *lá vai aprender o que é bom*”.

CONCLUSÃO

Durante o desenvolvimento do trabalho, fica evidente que o pastor Neopentecostal Silas Malafaia, apesar de não ter cargo político, influencia diretamente a política representativa nacional. Outros aspectos que identificamos é que o programa Vitória em Cristo é pautado pela agenda política do país. As edições dos programas envolvem temas atuais e em discussão no Congresso Nacional e que entram na pauta voltam a ser discutidos quando estão prestes a serem votados, entregues a alguma autoridade suprema ou analisados na Casa Civil.

Nas edições analisadas, diagnosticamos algumas violações de direitos humanos em situações nas quais o pastor utiliza palavras para menosprezar, demonizar e categorizar a população que não se enquadra no padrão da heteronormatividade. O incentivo ao ódio à população LGBT é evidente em frases como essa: *“Nós somos contra o homossexualismo, não contra o homossexual, somos contra esse ativismo Gay”*

No que se refere à intolerância religiosa, não fica explícito o exercício do discurso de ódio, nem a incitação ao ódio, pois o pastor a todo momento pede, mesmo que de forma raivosa, a não violência. Na verdade, o que Malafaia faz é trocar farpas com autoridades políticas e até de outras religiões durante o programa.

Na análise do conteúdo por exclusão social à identidade de gênero, podemos afirmar que o pastor é um grande patrocinador de notícias e termos falsos, quanto a explicações da diversidade de gênero ou melhor, o que ele reproduz são termos que carregam o preconceito e categorizam a homossexualidade como um erro moral, incentivando a humilhação e a discriminação em âmbitos públicos de convívio.

“Se as práticas sexuais são consideradas contrárias à doutrina, porque moralmente erradas, elas devem ser rechaçadas, - porque um erro moral nunca vai ser um direito civil, afirma Silas Malafaia, no sermão dominical, presente no programa na internet” (NARDI, H.C; MACHADO, P.S; SILVEIRA, R. S, 2015 p.43)

Concluimos que o programa viola os direitos humanos e incentiva a prática de ódio indiretamente e até diretamente em seus sermões.

REFERÊNCIAS

ASSMANN, Hugo. **A igreja Eletrônica e seu impacto na América Latina**. Pretópolis: Vozes,1986.

AVEC. **Programa Vitória em Cristo do Pastor Silas Malafaia passa a ser exibido em mais de 200 nações. Disponível em** :<<https://noticias.gospelprime.com.br/vitoria-em-cristo-programa-do-pastor-silas-malafaia-passa-a-ser-exibido-em-mais-de-200-nacoes/>>. Acesso em: 05 de out 2017.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa Qualitativa Com Texto Imagem E Som: um manual prático.** Pretópolis: Vozes, 2002.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. Nova York: Organização das Nações Unidas. 2009.

JORNAL BRASIL 247. “**Temer desmontou área de direitos humanos**”, diz maria do rosário. Disponível em : <<https://www.brasil247.com/pt/247/rs247/255959/%E2%80%9CTemer-desmontou-%C3%A1rea-de-Direitos-Humanos%E2%80%9D-diz-Maria-do-Ros%C3%A1rio.htm>> Acesso em: 30 nov. 2017.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Bancada evangélica celebra retirada da questão de gênero de base curricular.** 07 abr.2017. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2017/04/1873511-bancada-evangelica-celebra-retirada-de-questao-de-genero-de-base-curricular.shtml>> Acesso em: 23 nov.2017.

MARSIGLI, Ivan. **Vivi na pele o que aprendi nos livros.** Revista Piauí. ed.129. Disponível em:<http://piaui.folha.uou.com.br/materia/vivi-na-pele-o-que-aprendi-nos_livros/>. Acesso em: 30 nov.2017.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Mídia, religião e sociedade: das palavras às redes sociais.** São Paulo: Paulus, 2016.

NARDI, H. C; MACHADO, P.S; SILVEIRA, R. S. **Diversidade Sexual e Relações de Gênero nas Políticas Públicas:** o que a laicidade tem a ver com isso? Porto Alegre. Deriva/Abraps,2015.

NÚCLEO E DIREITOS HUMANOS PUC-PR. **Direitos Humanos e questão de gênero.** Disponível em: <<http://ndh.pucpr.br/projeto/direitos-humanos-e-questao-de-genero/>>. Acesso em: 03 nov.2017.

PATRIOTA, Karla Macena. **O fenômeno do marketing religioso: Análise do discurso da Igreja Renascer em Cristo na mídia.** Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2003.

SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL, 2015. Disponível em: <<http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=293675&tip=UN>>. Acesso: 30/11/2017.

TRIGUEIRO, Andrea. **Poder de Violação de Direitos Humanos no Discurso Neopentecostal: Uma análise da atuação Político-Midiática de Silas Malafaia e Marco Feliciano nas Redes Sociais Online.** Tese. (Doutorado em Comunicação) Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2017.

VITAL, Christina; LOPES, Paulo. **Religião e Política: uma análise de atuação de parlamentares evangélicos sobre direitos humanos das mulheres e de LGBTs no Brasil.** Rio de Janeiro: Fundação Henrique Böll & Instituto de Estudos da Religião, 2013.